

Moedas de Aḥmad ibn Qasī batidas em Silves

José Rodrigues Marinho *

Resumo

O museu do Seminário do Campo de Santiago, em Braga, tem um dinar e um qirat do período que decorre entre o colapso dos Almorávidas e o estabelecimento dos Almóadas na Península Hispânica. O dinar, de tipo almorávida, diz ter sido batido em Silves no ano 544 (11 de Maio de 1149 a 29 de Abril de 1150) e, além das legendas características das moedas dessa dinastia, tem a indicação *al-mahdī bi-llāh*, sem mencionar algum nome. É, entretanto, a primeira moeda de ouro que aparece, cunhada por muçulmanos no território hoje português. O qirat é o tipo n.º 2014 de Vives, referido em Hazard sob o n.º 1059, moeda anónima com menção de *o imāme*. Os dois espécimes apresentam grande semelhança na gravura das legendas. Pelas crónicas dos historiadores, Silves foi conquistada pelos Almóadas muito presumivelmente no ano seguinte — 542 — ao da tomada de Marráquexe, a capital almorávida, e passou a ser governada por Aḥmad ibn Qasī, até ao seu assassinato em 546. Esta personagem controversa era natural do termo de Silves e tinha-se aliado por conveniência aos Almóadas, após ter sido expulso do governo de Mértola; os seus actos apontam que terá sempre procurado a independência do Ocidente do Ândalus. O autor, baseando-se na análise de relatos históricos que referem os factos mais salientes da vida pública de Ibn Qasī, em que se intitulava *mahdī* e *imāme*, infere que as duas moedas serão cunhagens suas, para atrair a população à sua causa, como parte de um plano de independência política apresentado com aspecto religioso. A seguir, dado que na mesma época circularam diversas moedas anónimas com palavras ou frases de sentido semelhante, é apresentada a provável sequência das emissões de Ibn Qasī em Silves, dentro do conjunto dessas moedas; são analisadas ainda as diferentes frases características, numa tentativa de encontrar os responsáveis pelas restan-

* R. Ferreira Lapa, 35, 3.º, 1100 LISBOA

tes espécies. Finalmente, é posto em evidência o facto de algumas legendas incluírem as expressões *al-Nābī* — o Profeta — ou *Nābinā* — nosso Profeta —, referindo-se a Maomé, enquanto outras apresentam, no mesmo contexto, as expressões *rasūl Allāh* — enviado de Allāh — e *rasūlunā* — nosso enviado. Em relação a este facto, o autor fundamenta a possibilidade de, por algum motivo religioso ou político, ter havido um consenso geral para a substituição das primeiras expressões pelas segundas, o que terá sucedido no início de 543. Com base nesta hipótese, e por as primitivas emissões almóadas, de estilo almorávida, aparecerem também ou com a forma anterior ou a posterior de uma daquelas expressões, conclui que as moedas almóadas dos tipos que passaram depois a ser os característicos da dinastia, não terão sido batidas anteriormente ao citado ano de 543 da Hégira.

Summary

The museum of the Seminary of Campo de Santiago, in Braga, has a dinar and a qirat of the period limited by the collapse of the Almoravids and the settlement of the Almohads on the Hispanic Peninsula. The dinar, in the Almoravid style, was struck at Silves in the year 544 (11th May 1149 to 29th April 1150) and it bears the indication al-mahdī bi-llāh, without mention of any name. This is the first gold coin which has turned up, issued by the moslems in the territory that is today Portuguese. The qirat is the type n.º 2041 of Vives, Hazard n.º 1059, an anonymous coin mentioning al-imām. Both specimens are very similar as regards the engraving of the inscriptions. According to the chronicles, Silves was very probably conquered by the Almohads in 542, the year following that of the fall of Marrākush, the Almoravid capital, and from then onwards was ruled by Aḥmad ibn Qasī until he was assassinated in 546. This controversial figure, who was born in the outskirts of Silves, had looked for an alliance with the Almohads out of convenience, after having been forced to leave the government of Mertola; his way of acting reveals that he always sought the independence of the Western al-Andalus. The author, on the basis of an analysis of historical reports which record the more outstanding facts of Ibn Qasī's public life, in which he entitled himself mahdī and imām, infers that the two above coins were struck by him, in order to win the population over to his cause, as part of a plan of political independence presented under a religious guise. Next, since in the same period there circulated several anonymous coins bearing similar words or phrases, the probable sequence is presented of Ibn Qasī's issues in Silves, among all such coins; furthermore, the various characteristic phrases are analysed, in an attempt to find out who had issued the other pieces. Finally, the fact is stressed that some legends included the expressions al-Nābī — the Prophet — or Nābinā — our Prophet —, referring to Muhammad, whilst others presented, in the same context, the expressions rasūl Allāh — messenger of Allāh — and rasūlunā — our messenger. With regard to this fact the author grounds the possibility of, for some religious or political reason, there having been a general consensus in favour of the substitution of the former expressions by the

latter, which must have happened early in 543. On the basis of this hypothesis and because the initial Almohad issues, of Almoravid style, also appeared either with the former or the latter form of one of those expressions, the conclusion is drawn that the types of the Almohad coins that afterwards became the ones characteristic of the dynasty, are unlikely to have been minted before the said Hegira's year of 543.

I

O Seminário do Campo de Santiago, em Braga, tem um interessante museu onde a numismática está também representada. Das moedas, pouco mais de meia centena tem legendas árabes, com cerca de três dezenas da época moderna, de emissões de vários países, que se estendem do Ocidente africano até à Índia. As restantes duas dezenas, aproximadamente, são antigas e interessam à nossa Península, aqui tendo sido meio de pagamento oficial. Destas, a maioria são dirhames quadrados, de atribuição almóada, alguns com o topónimo Fez, e, no pouco que resta citar, referiremos: um dirham do califado de Córdoba; três dinares hamúidas; uma fracção de dinar dos Abá-didas de Sevilha; e um dinar e um qirat, anónimos, do período entre Almorá-vidas e Almóadas. Sobre estas duas últimas moedas, para nós documentos de grande importância histórica, vamos dar notícia, a que acrescentaremos breves considerações.

O dinar (fig. 1) ¹ pesa 4,11 g, tem 28 mm de diâmetro e as suas legendas são:

Anverso:

Campo:

لا اله الا الله

محمد رسول الله

المهدي بالله

Orla:

ومن يتبع غير الاسلام ديناً فلن يقبل منه

وهو في الآخرة من الخاسرين

Reverso:

Campo:

الامام

عبد

الله

امير المؤمنين

Orla:

بسم الله ضرب هذا الدينار بشلب عام

اربعة واربعين وخمسمية

¹ N.º de inventário 16.

Creemos ser espécie até agora não conhecida e também, por enquanto, a única cunhagem de moeda de ouro por muçulmanos em território hoje português².

Na data referida, ano 544 da Hégira (11 de Maio de 1149 a 29 de Abril de 1150), governava em Silves Aḥmad ibn Qasī, nome que não é mencionado na moeda. A vida desta personagem — que foi filósofo, escritor, chefe religioso, político, homem de guerra e poeta — e os factos mais importantes com ela relacionados, são relatados pelos historiadores Ibn al-Abbār, falecido em 1260, Ibn al-Khatīb, falecido em 1374, e Ibn Khaldūn, falecido em 1406, traduzidos em parte por David Lopes³. Alguns desses factos, com um enquadramento à luz de outros relatos, são apresentados mais recentemente por Huici Miranda⁴.

De todas estas narrações, resumindo, retiramos: Os rebeldes foram numerosos no final da dinastia almorávida, e acima deles, pela sua fama, está Ibn Qasī. Foi o primeiro a sublevar-se no Ándalus. Natural do termo de Silves, foi um pródigo durante a mocidade, mas abraçou depois a vida ascética, deu em esmolas aquilo que tinha e foi em peregrinação pregar o desprezo dos bens deste mundo. Em Almeria ouviu o célebre teólogo e filósofo Ibn al-Arif e, tendo-se entregue ao estudo do sufismo, não tardou também que, a ocultas, incitasse os seus adeptos, os *muridas*, à violência e à revolta. Foi assim que, em princípios de 539, se apoderaram do castelo de Mértola, um dos mais fortes do ocidente do Ándalus, onde Ibn Qasī se instalou e de onde começou a governar⁵. Évora, Silves, Beja e outras localidades, tomaram o seu partido e sublevaram-se contra o domínio almorávida. Pouco tempo depois, alguns partidários de Ibn Qasī, designadamente Ibn Wazir, puseram-se em oposição a ele e conseguiram a sua deposição, passando a reconhecer Ibn Ḥamdīn, senhor de Córdova. Sem outro recurso, Ibn Qasī resolveu, depois da tomada de Marrocos pelos Almóadas, atravessar o Estreito e ir a Salé falar com 'Abd al-Mu'min. A princípio não teve bom acolhimento, pelo orgulho

² Como referimos pormenorizadamente no nosso trabalho *Moedas muçulmanas de Beja e de Silves*, Sesimbra, 1968, pp. 19 e 20, nota 17, relativamente à descrição por Garcia Domingues de uma moeda de ouro de Ibn Qasī, cujas legendas menciona na sua *História Luso-Árabe*, Lisboa, 1945, p. 215, não aceitamos a existência de moedas como a descrita.

³ LOPES, David — *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*. "Boletim da Segunda Classe", Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1910.

⁴ HUICI MIRANDA, Ambrósio — *História política del Imperio Almohade*, Tetuán, 1956.

⁵ E onde bate moeda — só se conhecem qirates — com a menção de "estabelecido por ordem de Allāh", o seu nome "Aḥmad ben Qasī", o *lacob* "Abd-Allāh" e o nome da localidade "Mértola", e ainda as frases "Allāh nosso senhor e Maomé nosso profeta e o mahdī nosso imāme". Desses qirates, existem dois tipos-base não muito diferentes, havendo ligeira variante de cada um deles na divisão das legendas, fazendo no todo quatro tipos diferenciáveis: cf. VIVES Y ESCUDERO, Antonio — *Monedas de las Dinastías Árábigo-Españolas*, Madrid, 1893, n.º 1915 e variante na nossa colecção, e n.ºs 1916 e 1917; quanto à moeda n.º 1918 — classificada como meio-qirat — temo-la como igual à n.º 1917, por nos parecer resultante de um erro de cunhagem: cf. VIVES Y ESCUDERO, Antonio — *Indicación del valor en las Monedas Árábigo-Españolas*, in "Homenaje a D. Francisco Codera", Zaragoza, 1904, pp. 513-522, espec. p. 519 e nota 4, e a

que transparecia das suas palavras e, sobretudo, por se atribuir a si próprio o título de *mahdī*. Mas voltou a insistir e justificou-se, sendo recebido por fim, com muito agrado e honra. Ibn Qasī mostrou como seria fácil apoderar-se do Ândalus e convenceu ‘Abd al-Mu’min sem dificuldade. Seguiu então com Barraz ibn Muḥammad, que foi encarregado de combater os Almorávidas na Península e os rebeldes que se tinham proclamado independentes. O seu exército cercou primeiro Xerez, que se submeteu, depois atacou Niebla e daí seguiu para Mértola, onde, entretanto, já se tinha estabelecido o domínio almóada. Seguiu então para Silves, que tomou de assalto e cujo governo foi entregue a Ibn Qasī. Barraz regressou a Mértola e no ano seguinte conquistou Sevilha. Mas logo a seguir quase todas estas localidades revoltaram-se contra os Almóadas, sendo a primeira Silves, com Ibn Qasī. O Magreb estava igualmente sublevado e em armas, ao lado de um aventureiro, o mecense ‘Umar ibn al-Khayāt, que também se intitulava *mahdī*, o qual começou por vencer as primeiras forças almóadas contra ele enviadas, e só em batalha, ao terminar o ano de 542, foi finalmente derrotado e morto. ‘Abd al-Mu’min resolveu então impedir novas rebeliões e principiou pelo Magreb: voltou as suas forças contra al-Ṣaḥrāwī, pondo termo às pretensões almorávidas, e deu início à eliminação dos que não o apoiavam incondicionalmente. Dirigiu-se depois ao sepulcro do *mahdī* Ibn Tūmart, de onde escreveu a todos os governadores, com data de 16 de Rabi I de 543 — 4 de Agosto de 1148 —, ordenando-lhes o mais exacto cumprimento da lei, com proibição de tudo o que não estivesse dentro das suas funções. Na Península, a vinda de novo exército almóada levou os rebeldes a decidirem-se pela submissão. Em 545 ‘Abd al-Mu’min regressou a Salé e mandou aos chefes muçulmanos do Ândalus que lhe fossem prestar homenagem. Mas Ibn Qasī não compareceu e procurou uma aliança com o senhor de Coimbra, o rei cristão Afonso Henriques. Os habitantes de Silves receberam as consequências desta ingerência e mataram Ibn Qasī, no mês de Jumada I do ano de 546 — 16 de Agosto a 14 de Setembro de 1151.

diferenciação entre qirates e meios-qirates, dada pelo próprio autor na p. 517. Em 1956 apareceu um qirat com legenda próxima da do tipo Vives n.º 1917, no qual a linha final de uma das faces foi, depois, interpretada por nós como باجة, “Beja”; na outra face, associado ao nome de Ibn Qasī está o de um emir Abū Ṭālib, desconhecido, e, na última linha, a palavra que interpretámos como الزهرا e que então juntámos ao nome do emir. Hoje achamos que esta palavra não está relacionada com esse nome, mas é sim um atributo de Beja — “a brilhante de brancura” —, como seria conhecida, figurando distribuídos, nome da localidade e atributo, cada palavra no final de cada face da moeda, para melhor assinalar o local da emissão:

الله ربنا
ومحمد نبينا
والمهدي امامنا
باجه

الامام
القائم بامر الله
احمد بن قسي
والامير ابو طالب
الزهرا

cf. MARINHO, J. R. — *Moedas muçulmanas de Beja e de Silves*, Sesimbra, 1968.

Analisada agora a pequena moeda de prata ⁶ (fig. 2), ela é semelhante aos qirates almorávidas, pesa 0,91 g, tem 12 mm de diâmetro, e as suas legendas são:

Anverso:

لا اله الا الله
محمد رسول الله
الامام

Reverso:

الله ربنا
محمد رسولنا
المهدي اما
منا

Este qirat, embora escasso, é conhecido de há muito. Em 1893, Vives ⁷, no capítulo “*Taifas almoravides*”, descreve sob o n.º 2014 o único exemplar de que havia notícia, existente na sua própria colecção. Em 1952, Hazard ⁸, no capítulo “*Muwahḥid silver*” — prata batida por partidários dos Almóadas no Norte de África, em nome do Mahdī Muḥammad ibn-Tūmart, cerca do ano 540 H —, sob o n.º 1059, repetiu o qirat de Vives e cita outro em Lisboa, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Na nossa colecção temos três espécimes deste tipo, sendo um proveniente de um grande achado de moedas muçulmanas, na maioria qirates, ocorrido em Setembro/Outubro de 1954 em terrenos de sementeira, uns 25 quilómetros a sul de Beja (e no qual foram referenciados mais outros dois exemplares), outro proveniente da colecção numismática que pertenceu ao dr. Justino Cúmano e outro que adquirimos a um comerciante de moedas. Não temos notícia de mais exemplares deste qirat.

No dinar, o seu tipo é nitidamente almorávida. No anverso, substituiu-se o nome e títulos do governante por uma simples indicação — “*al mahdī bi-llāh*” —; na orla está o versículo 79 da sura III do Alcorão, que os Almorávidas colocaram nas moedas e os Almóadas não aceitaram para as suas primitivas, optando pela missão profética. O reverso não teve alteração e, tal como nos dinares da dinastia que findava, a menção de “*o imāme ‘Abd-Allāh*”, dubitativa, deverá entender-se como referência ao califa abácida.

Já a moeda de prata apresenta uma maior diferenciação nas legendas. Na face que, em moedas almorávidas, só comporta a profissão de fé, ou também o nome do príncipe herdeiro, em vez deste está a palavra الامام — “o imāme”. Na outra face não há já vestígios de legenda almorávida: a fórmula usada é a adoptada pelos Almóadas para o reverso dos seus famosos dirhames quadrados. Mas aqui tem de notar-se que em 539 H/1144 d.C., após a conquista de Mértola, Aḥmad ibn Qasī emite qirates com legenda muito semelhante numa das faces ⁹, e não podemos aceitar que ele, então, estivesse

⁶ N.º de inventário 91.

⁷ VIVES — *op. cit.* (*Monedas de las Dinastías Árabe-Españolas*).

⁸ HAZARD, Harry W. — *The numismatic history of late medieval North Africa*, New York, 1952.

⁹ الله ربنا V. também a nota 5.

ومحمد نبينا
والمهدي اما
منا

agindo com espírito almóada, nem sequer que tivesse sido influenciado pelas cunhagens dos Almóadas¹⁰.

Voltando ao dinar, o local de cunhagem e a data nele mencionados não oferecem dúvidas. Estará o qirat relacionado com o dinar? As legendas de ambos têm um mesmo estilo de gravura, as letras o mesmo recorte. E por que motivo não têm essas moedas o nome de alguém, designadamente de quem as mandou bater, como foi norma com os Almorávidas, com outros príncipes das chamadas taifas almorávidas e logo com a primitiva amoedação almóada? Pensamos que os textos dos cronistas dão a resposta a estas questões.

Segundo Ibn al-Abbār, Silves foi conquistada pelo exército almóada, que Ibn Qasī acompanha, no mês de Ramadan do ano 541¹¹. Ibn Khaldūn coloca estes factos no ano seguinte¹², o que será de aceitar, quer pelo que se infere das notas 11 e 12 atrás, quer por ser pouco crível o desvio de gente treinada na guerra, para a invasão do *Āndalus*, quando se deveria pretender o rápido colapso dos chefes almorávidas, que resistiram por longos meses na sua capital¹³. Após a conquista de Silves, Ibn Qasī é designado seu governador, sob

¹⁰ Parece-nos ser de presumir o início das cunhagens almóadas ligado à data da tomada de Marráquexe, que significou o desaparecimento da dinastia almorávida.

¹¹ Cf. LOPES — *op. cit.* (v. nota 3), p. 333: "No mês de "muhárrame" de 541, elle regressou ao Andaluz com o exercito almóhada que conquistou a pensínsula de Tarifa e depois a ilha de Algeciras; e tendo-se este exercito assenhoreado, no mês de "ramadane" d'este anno, da cidade de Silves, Ibn Caci foi feito governador d'ella. Foi tambem neste anno, no dia 13 de "xabane", uma quarta-feira, que o mesmo exercito entrou em Sevilha."

David Lopes, a respeito da menção de "dia 13", "quarta-feira", tem a seguinte nota: "Na biographia, adiante, de Abú Becre ibn Uzair, diz-se "quarta-feira 12 de xabane". Nem o dia 12 nem o dia 13 foram uma "quarta-feira", mas respectivamente "sexta-feira" e "sabbado". Nós analisámos também aquela correspondência dos dias da semana no ano de 541, e ainda no de 542, e verificámos que, neste último, o dia 13 de Xabane foi quarta-feira. De notar que, pelo relato acima, o exército almóada teria demorado oito meses entre a chegada à Península e a conquista de Silves, além de que a entrada em Sevilha teria sido no mês anterior ao da tomada de Silves.

¹² IBN KHALDOUN — *Histoire des Berbères*, traduite de l'arabe par M. le Baron de Slane, pp. 183-188, tome II, Alger, 1854, *Invasion de l'Espagne par les Almohades*: "Ibn Cassi s'étant alors laissé enlever Mertola par Seddrai-Ibn-Ouézir, seigneur de Badajoz, de Béja et de l'Espagne occidentale, écoute les conseils d'Ali-Ibn-Eiça, et, après la prise de Maroc par les Almohades, il traversa le Détroit pour aller trouver Abd-el-Moumen".

Note-se que a queda de Marráquexe deu-se em 18 de Xawal de 541 = 24 de Março de 1147. Chamamos a atenção para o seguinte passo da tradução do relato de Ibn Khaldūn, que se segue ao da tomada de Silves e do preito de vassalagem de Ibn Wazīr: "Cette expédition terminée, Berraz ramena l'armée almohade à Mertola où il passa l'hiver; et, s'étant mis en marche, l'année suivante, avec l'intention de mettre le siège devant Séville, ... Dans le mois de Châban 541 (Janvier 1147), il enleva cette ville de vive force, ..."

Este erro da data, raro neste historiador — grande mestre da história entre os árabes, diz David Lopes —, presumivelmente tirado da compilação do texto de Ibn al-Abbār (v. nota anterior), colocaria a conquista de Sevilha antes da chegada dos Almóadas à Península. Note-se ainda que a frase "onde passou o inverno" se terá de entender como "onde passou algum tempo invernos" (nos preparativos para a tomada de Sevilha — será de crer).

¹³ HUICI MIRANDA — *op. cit.* (v. nota 4), p. 146, diz também que as datas referidas para a invasão da Península, e para as subsequentes operações, têm em Ibn al-Abbār o atraso de um ano, dado que, então, encontrava-se 'Abd al-Mu'min sitiando Marráquexe e não pensava em submeter os *reyezuelos* do *Āndalus*.

a égide almóada. Mas logo a seguir quase todas as localidades do Ocidente do Ândalus revoltam-se contra os Almóadas, sendo a primeira Silves, com Ibn Qasī. Há nele um espírito de independência, que se mantém desde a época da conquista de Mértola aos Almorávidas, em 539, continuamente até esta nova fase, e que crê ter chegado o momento de essa independência poder ser concretizada definitivamente.

Para nós, será a partir dos finais de 542 que Ibn Qasī, sentindo poder influenciar para a sua causa descontentes e revoltosos, ou amparado por acontecimentos importantes a ocorrer no Ocidente islâmico, inicia um período de cunhagens monetárias com emissões anónimas de ideologia religiosa, mas com finalidades políticas bem manifestas¹⁴. O dinar aqui apresentado será, assim, prova evidente dessa política. Mas os textos de alguns dos historiadores muçulmanos que referimos, também fundamentam suficientemente a atribuição a Ibn Qasī de grande parte das moedas anónimas do tipo qirat então batidas, tal como apontam o verdadeiro motivo destas emissões.

Vejam algumas passagens desses textos, que se mostram bastante elucidativas: de Ibn al-Abbār¹⁵, referindo-se a Ibn Qasī: “Não tardou que com embustes e falsidades se pusesse como reformador da religião, dando-se o título de pontífice” [imãme]. De Ibn al-Khatīb¹⁶: “Elle quis ter o império e chamou-se Mahdí. As suas mentiras foram muitas; assim: que elle tinha feito a peregrinação a Meca durante uma noite; que transmittia mentalmente o pensamento que queria; que gastava dinheiro do thesouro de Deus [...] chamou-se “imame” [...] e fez grandes liberalidades em dinheiro, sem o fabricar, nem receber impostos. Quando o dava era ás mãos cheias, sem contar. Os seus adeptos diziam ao povo que o recebia que era elle que o creava. Conta-se a anedocta seguinte a este respeito. Um camponês, a quem elle tinha gratificado generosamente, disse a um certo adepto: Se este dinheiro com que o imame nos presenteia lhe vem do ceu, como é que elle tem o cunho dos Almorávidas e não um cunho diferente? Estas palavras foram referidas a Ibn Cací e ellas foram a causa da morte do camponês.”¹⁷

Estes relatos dos cronistas mostram, indubitavelmente, que as moedas que Ibn Qasī distribuía não eram das suas primeiras emissões, do período de Mértola, quando intitulado-se de “o imãme estabelecido por ordem de Deus”¹⁸, colocava nelas o seu nome e o local da emissão. As moedas de que

¹⁴ Ele terá, porventura, começado a bater moeda em Silves logo no início do seu governo, a exemplo dos governadores das regiões limítrofes, mas então com espécies que teremos como neutras e que até hoje não se revelaram.

¹⁵ Cf. LOPES — *op. cit.* (v. nota 3), p. 332.

¹⁶ *Id.* — *ibid.*, pp. 343, 345 e 346.

¹⁷ Que o dinheiro tinha o cunho dos Almorávidas e não um cunho diferente, deve entender-se que estava a ser feito à semelhança e com a metrologia das moedas daquela dinastia. Em 543 ou pouco depois, quando poderia ter ocorrido o facto referido, já deviam correr na Península moedas almóadas de estilo e peso diferentes, ao lado das moedas almorávidas e das almóadas primitivas, estas feitas também pelos padrões almorávidas mas logo com o nome de ‘Abd al-Mu’min.

¹⁸ VIVES — *op. cit.* (*Monedas de las Dinastías Árábigo-Españolas*), n.ºs 1916 e 1917.

se servia agora, para o seu jogo contra o poder almóada, não podiam estar batidas em nome de alguém, pois então não seriam do tesouro de Deus. Teriam, portanto, de falar apenas em *Allāh* e no seu Enviado. Mas elas teriam, também, de transmitir uma mensagem muito simples e muito forte, que o povo aceitasse como mensagem vinda do alto e, por isso, apoiasse sem reservas aquele que delas dispunha. São só duas palavras, *o mahdī, o imāme*. E apenas a Ibn Qasī se *dirigem*: apontam-no claramente como o chefe, aquele que se deverá seguir.

Por estas palavras, pela mensagem que descobrem quando relacionadas com os relatos dos historiadores, porque o dinar está dentro de um período bem delimitado de governo em Silves, porque dinar e qirat apresentam grandes afinidades e também porque, para o único dos espécimes de que conhecemos a proveniência¹⁹, o respectivo contexto não põe em dúvida o que atrás expomos, temos de aceitar tais moedas como tendo sido mandadas bater por Aḥmad ibn Qasī, em Silves, entre os finais do ano de 542, quando terá renunciado à submissão aos Almóadas, e o mês de Jumada I do ano de 546 H, durante o qual é assassinado²⁰.

II

Como complemento vamos analisar sucintamente diferentes tipos de qirates anónimos que, em nosso parecer, encerram uma mensagem igual à que entendemos existir nas duas moedas atrás estudadas. Cremos que esses qirates terão sido emitidos também por Ibn Qasī, para servirem aos seus desígnios políticos. Mencionaremos ainda, em notas ao texto, espécies presumivelmente batidas por outras personagens, com legendas que se afiguram imprecisas, mas que incluem fórmulas semelhantes às utilizadas por Ibn Qasī. Estas cunhagens poderão talvez significar um acordo com esta figura controversa, nos seus ideais de independência política e de doutrina religiosa, mas parece-nos mais que deverão ser também entendidas como uma oposição ao nascente domínio almóada, igualmente político e religioso, o qual dava então indícios de uma fraqueza que muito em breve se mostraria não ter fundamento.

¹⁹ O qirat do achado ao sul de Beja, atrás mencionado. Das moedas árabes do museu do Seminário, apenas foi possível apurar que as mais antigas provêm da colecção formada pelo falecido Padre José Fernandes, da freguesia de Guardizela, concelho de Guimarães, entre 1920 e pouco mais de 1950, tendo sido presumivelmente adquiridas a ourives do Porto e arredores, aonde se deslocava frequentemente. Essa colecção foi vendida na quase totalidade, mas a parte árabe foi doada ao Seminário e integrada noutra colecção, ao lado de moedas árabes mais recentes. O conjunto árabe assim formado no Seminário foi publicado em 1983: LOSA, António — *Colecção de Moedas Árabes do Museu de Pio XII (Braga)*. “Revista de Guimarães”, XCII, 1982, pp. 316 ss. Todavia, quanto ao dinar, não aceitamos a leitura بَسْبِة — em Ceuta — apresentada para o local da cunhagem, por acharmos os traços claramente representativos de بَشَلْب — em Silves —, além de haver outras incorrecções na descrição, possivelmente por lapso, como a troca das duas primeiras linhas da profissão de fé e a falta do ا na palavra هَذَا.

²⁰ Esta parte I, abreviada, foi lida na sessão de 22 de Novembro de 1983 da Secção de Estudos Luso-Árabes da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Os qirates foram, na maior parte, descritos por Vives²¹ sob o título “*A nombre del Mahdy*”, e a eles se refere este autor na página LXXVIII da “*Introducción*”, apontando para uma verosímil origem: “*Estas monedas parecen marcar el intermedio entre los almoravides y almohades ... ó quizá se refieren Al Mahdy Abdallah de Mertola*”. Como já atrás referimos, Hazard²² atribui tais espécies a partidários dos Almóadas, no Norte de África.

Começaremos por apontar a semelhança que se nos afigura existir entre esses qirates e os batidos por Ibn Qasī em Mértola: Estes, têm numa das faces legenda muito característica, com a fórmula referida atrás — “Alá nosso Senhor e Maomé nosso Profeta e o Mahdī nosso Imāme” —²³, a qual passa para este segundo período de cunhagens, em Silves, retocada com a omissão da conjunção e a substituição de نبينا — “nosso Profeta” — por رسولنا — “nosso Enviado” —; quanto à outra face, neste período troca-se o nome de Aḥmad ibn Qasī, que não podia ser mencionado, pela profissão de fé muçulmana, que não aparecia nas moedas de Mértola, mas mantêm-se as palavras “o imāme ‘Abd-Allāh”, ou só “o imāme”, ou procura-se fazer sobressair a ideia envolta nesta palavra, com frases como “o imame a verdade”.

Numa tentativa de atribuição e seriação, a sequência destas emissões poderá ser:

1 — Vives n.º 2016 = Hazard n.º 1060

لا اله الا محمد رسول الله الامام عبد الله	ربنا محمد رسولنا المهدي امامنا
--	--------------------------------------

Este qirat, com a frase “o imāme ‘Abd-Allāh”, parece vir na continuação directa das moedas de Mértola. O nosso exemplar (fig. 3) = 0,80 g — 12,5 mm.

2 — Qirat, com legendas semelhantes às do n.º 2014 de Vives

لا اله الا الله محمد رسول الله الامام	الله ربنا محمد رسولنا المهدي امامنا ☉ ك ☉
--	--

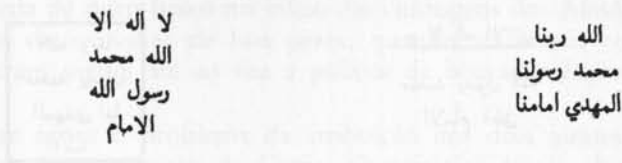
Inédito. Colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (fig. 4) = 0,87 g — 11 mm.

²¹ VIVES — *op. cit.* (*Monedas de las Dinastías Árabe-Españolas*).

²² HAZARD — *op. cit.* (v. nota 8), pp. 263-264.

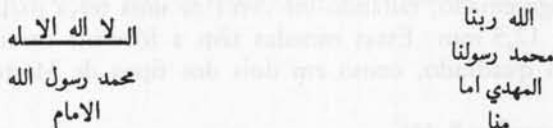
²³ Cf. nota 9.

3 — Qirat, também com legendas semelhantes às do n.º 2014 de Vives



Inédito. Colecção do autor. Legendas muito safadas (fig. 5) = 0,71 g — 11,5 mm.

4 — Vives n.º 2014 = Hazard n.º 1059



É o qirat de Braga. O exemplar do M.N.A.E. (fig. 6) pesa 0,72 g. Os nossos exemplares = 0,87 g — 12 mm; 0,85 g — 12,5 mm; 0,73 g — 12 mm.

5 — Meio qirat, n.º 35 de um achado em Gibraleón (Huelva) ²⁴.

مهدي
الامام

Este meio qirat apareceu em Espanha em 1943, a cerca de 50 quilómetros da fronteira com o Algarve, juntamente com outro meio qirat ²⁵ e 34 qirates, entre os quais um do tipo Vives n.º 2016. A descrição destas moedas em *Al-Andalus* foi objecto de dois trabalhos nossos ²⁶.

²⁴ Cf. *Crónica arqueológica de la España musulmana: hallazgos numismáticos musulmanes*, VI. "Al-Andalus", XVII, 2, 1952, pp. 442-444, entrada n.º 58.

²⁵ A legenda deste outro meio qirat *بِالله المهدي*, em duas linhas numa das faces, levamos a considerá-lo da 3.ª fase das emissões de Ibn Wazir, presumivelmente contemporânea das cunhagens de Silves de Ibn Qasī — ver o nosso trabalho *Moedas muçulmanas de Beja e de Silves*, pp. 33-38. Devemos contudo esclarecer que a forma *bi-llāh al-mahdī*, deste meio qirat, e a forma *al-mahdī bi-llāh*, no dinar de Ibn Qasī, fazem parte da legenda de vários qirates emitidos por Ibn Wazir, viz. *al-mahdī bi-llāh Muhammad ibn 'Abd-Allāh*, nos n.ºs 1911 e 1912 de Vives, e *bi-llāh al-mahdī Muhammad ibn 'Abd-Allāh*, em dois qirates na nossa colecção. Em todos estes qirates, Ibn Wazir, afastado de Silves e forçado a reconhecer os Almóadas como senhores, evoca certamente Muḥammad ibn Tūmart, o doutrinador almóada. Mas já não é tão evidente a atribuição do meio qirat só com as palavras *bi-llāh al-mahdī*, ou a Ibn Qasī ou a Ibn Wazir. Se nos inclinamos para uma cunhagem deste último, é porque acreditamos que todas estas emissões continham uma mensagem política, que estaria, na época, ao alcance de quem lesse a moeda. A nosso ver, a forma *al-mahdī bi-llāh*, numa moeda emitida em Silves e datada de 544, assim como a forma *mahdī o imāne*, apenas, não deixariam dúvidas quanto a apontarem Ibn Qasī, enquanto a forma *bi-llāh al-mahdī*, só e sem um enquadramento, podendo ser interpretada dubitativamente, não seria por ele utilizada.

²⁶ MARINHO, J. R. — *Considerações sobre a notícia de um achado de qirates inserta em "Al-Andalus"*, vol. XVII, 1952. "O Arqueólogo Português", série III, vol. II, 1968, pp. 87 ss.

6 — Vives n.º 2015 = Hazard n.º 1061

الله الا لله
 محمد رسول الله
 الامام الحق

الله ربنا
محمد رسولنا
المهدى اما
منا

Creemos este tipo como um qirat e não um meio qirat, a exemplo do n.º 1918 de Vives (v. nota 3). O espécime existente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (fig. 7) pesa 0,52 g, mas está fragmentado, faltando-lhe cerca de uma terça parte; o seu diâmetro é de 12,5 mm. Estas moedas têm a fórmula característica dentro de um quadrado, como em dois dos tipos de Mértola.

7 — Hazard n.º 446a

الله الا الله
 محمد رسول الله
 الامام الحق

الله ربنا
 محمد رسولنا
 المهدى امامنا
 ربع الدينير

Esta moeda, em ouro (?) de muita liga — *debased gold* — com o peso de 0,55 g, é-nos apresentada como *quarto de dinar*, da leitura dada para a quarta linha do reverso. No catálogo Schulman, da coleção Júdice dos Santos, vem o outro exemplar conhecido, sob o n.º 3105 — “*Double dinarin? — Or, gr 0.5*”.

Temos na nossa coleção um espécime inédito (fig. 8), em prata²⁷, com o peso de 0,55 g (com alguma corrosão geral) e o diâmetro de 13 mm, que aceitamos ter as mesmas legendas das duas moedas anteriores. Este qirat provém da coleção do dr. Justino Cúmano, de Faro, organizada na segunda metade do século passado. Contudo, a última palavra da 4.ª linha do reverso mostra-se-nos como الدين, e assim, propomos ربع الدين para a leitura dessa linha, a qual estará na continuação da última linha da outra face: “O *imāme*, a verdade, o resplendor da religião”. Aliás, a escrita الدينير, dada por Hazard, afigura-se-nos forçada face à forma الدينار, que é a normal nas moedas de ouro daquela época, assim como nos parece não excluirmos a nossa leitura as reproduções fotográficas dos outros dois

ID. — Ainda sobre um achado de qirates em Gibraleón — Huelva (Espanha). “O Arqueólogo Português”, série III, vol. VI, 1972, pp. 281 ss.

²⁷ Um ensaio da moeda sobre pedra de toque, não revelou qualquer existência significativa de ouro; comparativamente, o teor da prata mostrou-se elevado.

exemplares. E também não se compreende bem uma emissão de moeda de ouro baixo no início das cunhagens dos Almóadas, isto ao lado de emissões de boa prata, quando a dinastia contra a qual lutaram seguiu até ao fim a política da boa amoedação.

Coloca-se agora o problema da atribuição dos dois qirates n.ºs 2017 e 2018 de Vives, com menção de Ceuta. O primeiro foi já objecto de uma apreciação nossa: temos a sua legenda de características diferentes da legenda dos qirates de que tratámos atrás, com uma outra fórmula inscrita²⁸; achamos que esta fórmula pode alinhar com a do dinar de Yahyà ibn Abū Bakr ibn 'Alī ibn Yūsuf, conhecido por al-Ṣaḥrāwī, moeda batida em Ceuta em 543,

²⁸ Cf. MARINHO — *op. cit.* (v. nota 26). No Ocidente do Ándalus, neste segundo período de taifas, a fórmula característica mencionada na nota 9, ou a sua variante, não é a única a aparecer nas moedas. Os qirates de Mértola, de Ibn Qasī, são ainda portadores de uma outra fórmula político-religiosa, **القائم بامر الله** — “estabelecido por ordem de Allāh” —, que será depois usada por 'Abd al-Mu'min e pela maioria dos restantes califas almóadas, nas suas cunhagens de ouro. De notar, numa das emissões de Ibn Qasī, em Mértola, a forma **الامام القائم بامر الله** — “o imame estabelecido por ordem de Allāh —. A mesma fórmula aparece ainda na forma **المهدي القائم بامر الله** — “O mahdī estabelecido por ordem de Allāh” —, num dinar anónimo de tipo almorávida, batido em Ceuta em 542, pelo qual será responsável o qādī 'Iyād ibn Mūsa al-Yaḥsubī. Esta moeda foi dada a conhecer recentemente, num excelente trabalho do Prof. Hanna E. Kassis — *Qādī 'Iyād's Rebellion against the Almohads in Sabtah*, “Journal of the American Oriental Society”, 103, 3, 1983, pp. 505 ss., onde, no parágrafo de abertura, esclarece: “The sources agree that he was involved in a rebellion against the Almohads. But other than his dispatch of emissaries to an Almoravid prince (aṣ-Ṣaḥrāwī) in Spain, details of the nature of this rebellion are lacking”. Contudo, nós pensamos que deve ser posta uma certa reserva à afirmação expressa no estudo, de a moeda ter sido batida sob a tutela almóada, pois entendemos que ela foi emitida pretendendo-se fugir à soberania almóada e mostrando inequivocamente essa posição. O dinar vinca bem uma corrente religiosa que não era a da nova dinastia, e aponta para um mahdī estabelecido, que não seria 'Abd al-Mu'min, pois nunca tomou este título. Assim, excluímos a ideia expressa pelo autor, na p. 506, 2.º parág.: “Only the title of the ruler on the Obverse (al-mahdī al-qā'im bi-amr Allāh), indicates that it was issued under the tutelage of the Almohads”; e tomamos o que aponta ser uma contradição, na p. 509, 3.º parág., como uma prova de a moeda não ter qualquer ligação com os Almóadas: “Our dinar shows an apparent contradiction: whoever issued it seems to have acknowledged the sovereignty of 'Abd al-Mu'min while maintaining loyalty to the cause of Mālikī orthodoxy. This included a recognition of the Abbāsīd caliph in Baghdad as imām and amīr al-Mu'minīn.” Ao admitir que os dois títulos referidos na moeda são tipicamente almóadas, não aceitando que poderão referir-se a outra pessoa, notamos a dificuldade de Hanna Kassis em encontrar uma explicação para a inclusão deles nas legendas. Depois de mostrar a constante fidelidade de 'Iyād à ortodoxia Mālikī, que teve na doutrina “mahdist” da recém-nascida dinastia almóada o grande obstáculo, e de mencionar ter o mesmo continuado em Ceuta, como qādī, após a nomeação para esta cidade de um wālī almóada, diz na p. 510, 4.º parág.: “Abd al-Mu'min is not mentioned by name but by the dubious title of al-mahdī. I doubt if either this term or that of al-qā'im bi-amr Allāh would be rejected outright by a shrewd pro-Abbāsīd qādī in a situation similar to that experienced by 'Iyād.” Nós diremos que o dinar nos deixa muitas dúvidas, mas só sobre se os emissários de 'Iyād não terão também contactado Aḥmad ibn Qasī. Esta observação afigura-se-nos oportuna e admissível, pois já antes, no período de Mértola, o nome deste, acompanhado da mesma fórmula e a exemplo do qirat de Beja (v. nota 5), aparece referido num dinar batido em Múrcia, em 540, por Aḥmad ibn Hud — Zafadola — (cf. RODRIGUEZ LORENTE — *Numismática de la Murcia musulmana*, Madrid, 1984),

apresentada por Codera²⁹ e referida em Hazard com o n.º 443; e de linhas semelhantes nos parece ser também o desenho dos caracteres na gravura apresentada por Codera e no qirat da nossa colecção (fig. 9), apontando para uma série da mesma oficina³⁰.

o que indicia uma insuspeita extensão da aceitação da doutrina político-religiosa do chefe sufi. As legendas desta moeda de ouro, tiradas das fotografias de dois espécimes conhecidos são

campo:

لا اله الا الله
محمد رسول الله
الامام عبد الله
امير المؤمنين
ض

campo:

الامام القايم
بامر الله بن قسي
الامير المستنصر
بالله احمد ابن
هود

orla:

بسم الله الرحمن الرحيم ضرب هذا الدينار
بمصرية سنة اربعين وخمسمائة

orla:

ومن يبتغ غير الاسلام ديناً فلن يقبل منه
وهو في الآخرة من الخاسرين

Além das duas fórmulas características já referidas, inscritas em várias moedas desta época, outra mais aparece: a do dinar de al-Ṣaḥrāwī (Hazard n.º 443) المهدى الذي يشرك النبي, ou a variante no qirat Vives n.º 2017 (Hazard n.º 1057) مهدي الدين الذي بشر به رسول الله, ou ainda a variante que se lê em dois qirates do achado de Gibraléon المهدى الذي بشر به النبي. Esta última tem um aspecto de certo interesse: Do grande achado de moedas em terras ao sul de Beja, em 1954, conseguimos identificar quarenta e três qirates com esta legenda, mas também outros vinte em que única diferença para aqueles consistia na substituição de النبي — “o Profeta” — por رسول الله — “enviado de Allāh”. Assim, também nestas moedas foi decidida a alteração verificada na primeira das fórmulas de que tratámos — v. atrás a nota 23 e o texto que a origina. Não se afigura que a nova dinastia almóada tenha utilizado nas suas cunhagens qualquer das variantes desta última fórmula: ela indicará, certamente, outra tendência político-religiosa. Se bem que um príncipe almorávida tenha sido o responsável pelas legendas do dinar e do qirat de Ceuta, haverá que procurar quem mandou bater, com uma fórmula tão semelhante, os outros dois tipos de qirates, e quem é o mahdī a quem tal fórmula se refere.

²⁹ CODERA, Francisco — *Familia real de los Beni Texufin*, Zaragoza, 1899.

³⁰ Codera, ao apresentar o dinar datado de 543, aceitou a fórmula característica nele inscrita como aplicada ao próprio al-Saḥrawī: “*Lo especial de esta moneda es el título de النبي الذي يشرك المهدى الذي يشرك النبي* El Mahdī que acompañará al Profeta aplicado al Emir de los musulimes Yahya, hijo de Abubéquer, hijo de Alí, hijo de Yúfuf.” HAZARD — *op. cit.* (v. nota 8), p. 63 — exprimiui a mesma ideia, escrevendo: “*The dinar (443) struck by al-Ṣaḥrāwī at Ceuta in 543 gives his genealogy, his sub-caliphial, and extraordinary spiritual pretensions, and the true date of his surrender, often set at 542.*” Hanna Kassis, que também comenta este dinar — *op. cit.* (v. nota 28), pp. 510-511 —, nota bem o erro dos dois autores anteriores mas, como para o dinar do ano 542, entende que a palavra mahdī aponta o califa almóada: “*It was then that the last dinar in the series (the Codera specimen) was issued. The legends there show that while the elements of orthodoxy remained unchanged, ‘Abd al-Mu’min was charged with shirk. There is no doubt that, as Codera has suggested, the Yahyá mentioned on this coin is al-Ṣaḥrāwī. However I cannot agree with Codera that the title al-mahdī alladhī yushriku al nabiy is applied to Yahyá. The Almoravids never applied the title al-mahdī to any of their own rulers.*” Nós concordamos com todos estes argumentos, mas pensamos que a palavra mahdī também não indica o califa almóada, pelos motivos já apresentados ao comentarmos o outro dinar de Ceuta — ver a nota anterior.

Todavia, o dinar de al-Ṣaḥrāwī, com a sua fórmula, permite-nos pensar sobre a data aproximada do início das emissões anónimas de Ibn Qasī — que são o tema deste trabalho: A

Finalmente, mencionaremos o qirat n.º 2018, o último citado por Vives, batido em nome do *mahdī*:

لا اله الا الله محمد رسول الله سنة	الله ربنا ومحمد نبينا والمهدي اما منا
--	--

A indicação de Ceuta como local de emissão não se ajusta ao que pensamos quanto às moedas com a fórmula “Allah nosso Senhor e Maomé nosso Profeta e o Mahdī nosso Imāme”: Esta legenda terá começado em Mértola com Ibn Qasī e sido retomada em Silves, algum tempo após ‘Abd al-Mu’min ter dado início às cunhagens almóadas, com igual fórmula mas mencionando o seu nome na outra face³¹; é de presumir que durante os dois primeiros meses do ano 543 a expressão “nosso Profeta” tenha sido alterada para “nosso Enviado”, como atrás admitimos, simultaneamente pelos Almóadas³² e por Ibn Qasī.

A colecção numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa tem um espécime³³, ainda inédito, que aceitamos ser do tipo do n.º 2018 (fig. 10). O anverso, com a profissão de fé, está em caracteres *nesquí*, e o reverso, com a

primeira das fórmulas características de que tratámos mostra que, à expressão *ومحمد نبينا*, usada por Ibn Qasī em Mértola, seguiu-se a expressão *محمد رسولنا*, nas moedas de Silves; daqui será de aceitar que também só depois de emitido o dinar de al-Ṣaḥrāwī, terá sido batido o qirat de Ceuta; e, porque cremos que dinar e qirat fazem parte de uma mesma série, teremos ainda de admitir que foi durante o período de emissão dessa série que, por algum motivo religioso ou político que nos escapa, teve lugar a substituição de *النبي* por *رسول الله*, e de *رسولنا* por *نبينا*, nas outras fórmulas de que nos ocupámos. Ora, se recordarmos que a carta dirigida por ‘Abd al-Mu’min, do sepulcro do mahdī Ibn Tūmart aos governadores, está datada de 16 de Rabi I de 543, e se este facto teve lugar após a fuga de al-Ṣaḥrāwī de Ceuta até ao Sūs, teremos cerca de dois meses para a emissão de dinar e qirat. Terá sido então entre 1 de Muharrame e cerca do fim do mês seguinte — 22 de Maio a fins de Julho de 1148 — que a alteração terá tido lugar. Dentro desta hipótese, as moedas anónimas de Ibn Qasī com a frase *محمد رسولنا*, terão começado a ser batidas, presumivelmente, depois do primeiro mês do ano de 543 H. Então, também na mesma data terá ‘Abd al-Mu’min alterado de igual forma as suas moedas, e só a seguir terá iniciado as séries com a nova metrologia almóada. O aparecimento de possíveis espécies datadas permitirá julgar o que aqui deixamos, tirado das moedas e dos relatos dos historiadores.

³¹ Cf. LORENTE, J. J. R. — *Hallazgos de numismática árabe medieval de occidente y su aportación a la historia*. “Madrider Mitteilungen”, 23, 1982, pp. 428-439. Este autor dá a conhecer um dinar de tipo almorávida batido em Jaén em 541 com o nome de ‘Abd al-Mu’min ibn ‘Alī, cuja legenda do campo do reverso é a fórmula com a expressão *ومحمد نبينا*. Em meados de 1983 tivemos conhecimento da existência de outro exemplar deste dinar, variante no anverso pela divisão da legenda do campo. Para os qirates, ver Vives n.ºs 2043 e 2045 = Hazard n.ºs 1062 e 1062 a.

³² Ver Lavoix n.ºs 721 a 723 = Hazard n.º 1063.

³³ Peso: 0,82 g; diâm.: 12 mm.

fórmula citada, tem escrita cúfica. Mas a moeda tem dois orifícios sobre a linha abaixo da profissão de fé, deixando apenas perceber alguns traços do que poderá ser a palavra *سبئة*. Com a maior reserva, coloca-se-nos a dúvida — porque os traços visíveis a admitem — de este qirat mencionar *شلب*, Silves, e não *سبئة*, Ceutá. Tal erro afigura-se-nos possível na leitura da escrita *nesquí*, tanto mais que eram conhecidas então várias moedas da mesma época com a menção de Ceuta e a *ceca* de Silves não foi do conhecimento dos numismatas até 1957. A terem confirmação as nossas dúvidas, esta moeda poderá ser a primeira da série das cunhagens de Silves de Ibn Qasī, logo após se ter instalado nessa cidade, e quando a possibilidade de uma emancipação não estava à vista. De notar ainda, que é o único qirat anónimo com a fórmula característica exactamente igual à das emissões de Mértola.

Apresentámos um conjunto de hipóteses em que visamos basicamente as cunhagens monetárias de Aḥmad ibn Qasī durante o seu governo em Silves. Terminamos recordando um passo da tradução de David Lopes da *História do Ándalus*, de Ibn al-Khatib: “Os rebeldes foram numerosos no fim d’este imperio, [...] e acima d’elles pela sua fama, está Ibn Cací, [...]”³⁴.

³⁴ Cf. LOPES — *op. cit.* (v. nota 3).

Duas terracotas da época clássica mexicana
no Sotavento algarvio



1



2



3



4



5

Escala 2:1.



Escala 2:1.